



DOI 10.20396/conex.v17i0.8654409

Artigo Original

Escalada indoor como possibilidade de conteúdo para a educação física escolar

Felipe da Silva Triani¹ Felipe Tomaz da Silva² Jairo Antonio da Paixão³ 

RESUMO

Objetivo: conhecer e discutir a percepção dos alunos sobre a escalada *indoor* como mais uma possibilidade pedagógica para o ensino da Educação Física na escola. **Metodologia:** foi realizada entrevista com 23 alunos (14 meninos e 9 meninas), de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. **Resultados e discussão:** os resultados evidenciam motivação dos alunos em participar das aulas, pois na concepção deles é um conteúdo novo e contribuiu na superação do medo de escalar devido à presença do risco, além de não evidenciar o sexismo entre os participantes. **Conclusão:** a escalada indoor se mostrou um conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Esporte de Aventura. Educação Física escolar. Prática Pedagógica.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

² Universidade do Grande Rio, Escola de Ciências da Saúde, Duque de Caxias - RJ, Brasil.

³ Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Educação, Viçosa - MG, Brasil.

Correspondência:

Felipe da Silva Triani. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, CEP 20550-000, Rio de Janeiro - RJ, E-mail: felipetriani@gmail.com

Recebido em: 10 jan. 2019

Aprovado em: 12 dez. 2019

Indoor climbing as a possibility of content for school physical education

ABSTRACT

Objective: the study aimed to know and discuss the students' perception about indoor climbing as one more possibility Pedagogy for the teaching of Physical Education in school. **Methodology:** an interview was carried out with 23 students (14 boys and 9 girls) from a group of the 5th year of Elementary School in a private school. **Results and discussion:** the results show the motivation of the students to participate in the classes, because in their conception it is a new content and contributed to overcome the fear of climbing due to the presence of risk, besides not showing the sexism among the participants. **Conclusion:** indoor climbing proved to be a possible content to be worked on in Physical Education classes at school.

Keywords: Adventure Sport. Physical education. Pedagogical Practice.

Escalada 'indoor' como Posibilidad de Contenido para la Educación Física Escolar

RESUMEN

Objetivo: el estudio tuvo como objetivo conocer y discutir la percepción de los alumnos sobre la escalada *indoor* como otra posibilidad pedagógica para la enseñanza de la Educación Física en la escuela. **Metodología:** se realizó una entrevista con 23 alumnos (14 niños y 9 niñas), de una clase del 5º año de la Enseñanza Fundamental de una escuela particular. **Resultados y discusión:** los resultados evidencian la motivación de los alumnos en participar en las clases, pues en su concepción es un contenido nuevo y contribuyó en la superación del miedo a escalar debido a la presencia del riesgo, además de no evidenciar el sexismo entre los participantes. **Conclusión:** la escalada interior se mostró un contenido posible de ser trabajado en las clases de Educación Física escolar.

Palabras Clave: Deporte de Aventura. Educación Física. Práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

O contexto da Educação Física Escolar, no final do século XX, passou por um movimento de discussões acadêmicas sobre a função social da disciplina no campo da Educação. Dentre os acontecimentos que marcaram esse período, é possível citar o movimento renovador da Educação Física, a partir da emergência do conceito de Cultura Corporal, e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Nessa direção, é importante assinalar que esses acontecimentos, bem como de outros aqui não destacados, contribuíram, principalmente, na reflexão de que as aulas não se encerram na execução de gestos técnicos padronizados e exercícios voltados para a melhoria da aptidão física. Neira e Gramorelli (2017) complementam que, com isso, houve o entendimento de aulas como espaço que possibilita desenvolver práticas corporais em um contexto social mais amplo, isto é, os professores passaram a dispor de maior abertura e possibilidades de concretização de propostas pedagógicas inovadoras no currículo escolar.

No entanto, embora pese essa argumentação, um estudo recente (TRIANI; FREITAS; NOVIKOFF, 2016) identificou que os alunos nas aulas de Educação Física estão longe de vivenciar em sua plenitude os conteúdos desse componente curricular no decorrer da educação básica. Somado a esse fato, pesquisas tem indicado que docentes reforçam a cultura do desinvestimento pedagógico por meio de práticas docentes sem pretensões, reforçando a hegemonia do conteúdo esporte, e por sua vez, desconsiderando as benevolências de outros temas advindos da Cultura Corporal de Movimento como a dança, as lutas, as ginásticas, os jogos e outros (MACHADO *et al.*, 2010).

Subvertendo esse quadro que, indubitavelmente, vem integrando o cenário de muitas escolas no país, tem-se o entendimento da Educação Física na escola como uma prática de intervenção pedagógica que trata de temas advindos da Cultura Corporal de Movimento, que contribui no processo de formação dos sujeitos que irão reproduzir, produzir, transformar e partilhar as diversas formas de manifestações corporais como os jogos, esportes, ginásticas, lutas, atividades rítmicas e expressivas, exercícios físicos (DARIDO, 2004). Cumpre destacar que a Cultura Corporal de Movimento, ao defender a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo dos tempos, circunscrevendo a própria produção humana e sua historicidade.

Sob essa ótica é importante destacar que, a inclusão de novos conteúdos na escola demanda um processo árduo, no qual se faz necessário o rompimento de paradigmas, que se encontram cristalizados na própria história escolar. E nesse processo, a tradição das práticas esportivas seja o mais difícil de ser rompido. Não se pode negar que, na maioria das vezes, os esportes, comumente

trabalhados na escola, como aqueles que se inserem na categoria de esportes coletivos, conseguem dar conta de atender ao gosto de uma boa parcela dos formandos da educação básica. No entanto, não se pode desconsiderar que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas.

Tem-se observado o surgimento de propostas que buscam a inserção do esporte de aventura nas aulas de Educação Física (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2013). Vale ressaltar que, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) o esporte de aventura, ora Práticas Corporais de Aventura, encontra-se presente como unidade temática dentre o rol de conteúdos da disciplina Educação Física na educação básica.

O esporte de aventura congrega diversas modalidades que se efetivam em diferentes ambientes naturais como aéreo, terrestre, aquático, urbano e misto (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). Essas modalidades têm como eixos norteadores a aventura, o risco e as fortes emoções. Surge a partir de novos paradigmas centrados na (re)aproximação com a natureza, na autorealização, no lazer e na melhoria da qualidade de vida, os quais buscam substituir os de competição e rendimento pela incerteza, risco e liberdade (COICEIRO, 2007; PAIXÃO, 2012).

Ainda que permeadas pelas contradições e limitações, o esporte de aventura, enquanto conteúdo da Educação Física na educação básica, apresenta potencial educativo pelo fato de suscitar nos praticantes situações educativas em experiências pouco habituais, além propiciar elementos de caráter motivador, fortes emoções, significado e iniciativa, além de oportunizar interfaces com a educação ambiental. Isso porque, é notória a relação entre esporte de aventura e natureza, uma vez que o meio ambiente se apresenta como cenário para a realização das modalidades do referido segmento esportivo, suscitando uma interação entre o praticante e o respectivo meio ambiente.

Dentre as diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura, a escalada configura-se como uma manifestação que tem como característica predominante a ascensão em paredes verticais, diferenciando-se somente a forma de subida, comumente as denominações, escalada, alpinismo e montanhismo são consideradas análogas. Dentre essas possibilidades de denominação, Pereira (2013) sugere a utilização do termo escalada e a classifica em três manifestações possíveis, a saber: escalada em gelo, escalada em rocha e escalada em ambientes construídos. Essa última, objeto de estudo do presente manuscrito, trata-se, portanto, da técnica de subida em paredes de escalada artificial construídas pelo ser humano, conhecida como escalada *indoor*.

Nesse tipo de manifestação da escalada, o foco está na complexidade do

movimento, já que o risco é minimizado pelo domínio do ambiente. A escalada *indoor* se apresenta como uma possibilidade de acesso à experiência de escalar, principalmente para quem não deseja iniciar em rocha propriamente dita ou se percebe com dificuldade de acesso a ambientes naturais. Nessa prática, o ambiente é construído com agarras fixadas em chapas de madeira ou diretamente na parede, confeccionadas de resina plástica de variadas formas e tamanhos, que simulam as reentrâncias da rocha (PEREIRA, 2013).

Atualmente, a escalada *indoor* tem crescido de maneira expressiva, tendo o Comitê Olímpico Internacional anunciado sua presença nos Jogos Olímpicos de 2020, nas modalidades Boulder, dificuldade (guiada) e velocidade. No entanto, têm-se informações que a escalada em ambientes artificiais já era uma prática na Ucrânia desde a década de 1970 (PEREIRA, 2007). Outro fator que merece destaque na disseminação da escalada *indoor* e *outdoor*, deu-se na década de 1980, com as primeiras competições e, por sua vez, sua institucionalização num fenômeno conhecido como esportivização do montanhismo (PEREIRA, 2013).

Embora o reconhecimento da escalada *indoor* como esporte adicional aos Jogos Olímpicos na edição de 2020 constitua uma grande conquista, a realidade das escolas brasileiras evidenciam um longo caminho para que a escalada seja trabalhada efetivamente nas aulas de Educação Física. Pode-se sublinhar que a prática da escalada em escolas brasileiras ainda se faz presente em um número muito reduzido e comumente na perspectiva de atividade extracurricular (PEREIRA, 2013; PEREIRA; ARMBRUST, 2007).

Embora a escalada venha conquistando espaço no cenário esportivo, ainda há de superar o desafio de ser inserida no ambiente escolar de maneira sistematizada, pois essa conquista está no esporte de alto rendimento. Considerando os objetivos da Educação Física escolar, é importante garantir o benefício do acesso a essa prática corporal de aventura, como afirma a BNCC, além daquelas já evidenciados pelas investigações científicas (HYDER, 1999; OYAGUE; LUSAR; CERCOS, 2005; CLOKSIN, 2006; PAIXÃO, 2017). Portanto, sinalizando o esporte de aventura como conteúdo da Educação Física, o estudo em tela teve como objetivo conhecer e discutir a percepção dos alunos sobre da escalada *indoor* como mais uma possibilidade pedagógica para o ensino da Educação Física na escola.

MÉTODOS

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo-exploratório, tendo a pesquisa de campo como técnica de aproximação (SEVERINO, 2007).

Dentre os procedimentos na condução do estudo, foi proposto inicialmente

pelo professor de Educação Física à direção da escola um projeto que objetivava a construção de uma parede para escalada *indoor*, objeto de um relato de experiência (TRIANI; MARTINS; ALVES, 2016) que apresentou o percurso de como o projeto apresentado pelo professor de Educação Física na escola se concretizou na construção de um muro para a prática de escalada *indoor*.

Tendo sido aprovado o projeto pela escola, o passo seguinte foi a aquisição de implementos para a prática da escala *indoor*, tais como agarras, corda, cadeirinhas, freios, cordeletes, mosquetões e capacetes. Concomitante a isso, era construída a parede de escalada pela equipe de manutenção da escola. Nessa face, a colaboração da professora da disciplina Artes, juntamente com os alunos foi decisiva na composição de uma pintura decorativa na parede. Em tempos, com a parede pronta, ainda no primeiro trimestre os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar a escalada *indoor*, pois naquele trimestre o conteúdo programado no planejamento da Educação Física era Esporte de Aventura. Dentre as modalidades de esporte de aventura, foram programados 2 momentos de vivências para a escalada *indoor* por turma.

O grupo amostral foi constituído por 23 alunos que se encontravam regularmente matriculados no 5º ano do ensino fundamental I (14 meninos e 9 meninas) de uma escola da rede privada de ensino, localizada na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

Como instrumento de coleta de dados, foi empregada a entrevista semiestruturada (SEVERINO, 2007), na qual os alunos foram estimulados a discorrer acerca das vivências com a prática da modalidade escalada *indoor*. Nesse contexto, os estudantes foram entrevistados individualmente no segundo encontro, imediatamente ao término da parte prática da vivência.

Na análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2009), refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. A autora organiza a análise de conteúdo a partir das fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Em consonância com essas fases, após transcrição e análise interpretativa dos dados, estes foram categorizados tendo em vista elementos comuns presentes nesses dados. Desse processo, emergiram quatro categorias, a saber: conteúdo inovador; gênero; risco. Para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar na sessão resultados e discussão a designação Aluno 1, Aluno 2 e assim sucessivamente, tendo em vista a ordem em que os dados foram organizados.

Todos os alunos participaram como voluntários, e seus responsáveis

assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido, sendo respeitados os critérios éticos e legais em pesquisas envolvendo seres humanos conforme as diretrizes regulamentadas pela Resolução nº 466/12 da CONEP, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO, Parecer CEP Nº. 2.072.798, de 19 de maio de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A INFLUÊNCIA DO ELEMENTO INOVADOR NA ESCALADA *INDOOR*

No decorrer das vivências com o conteúdo escalada *indoor* na escola, a motivação foi um aspecto que ganhou relevo num ambiente de descontração e envolvimento entre os alunos. Esse ambiente se deveu principalmente pelo fato de se tratar de um conteúdo inovador e que, por sua vez, instigou os alunos a tomarem parte das atividades propostas como se verifica nos relatos a seguir.

Eu gostei, tipo no dia que o professor passou no quadro eu já fiquei interessado ai quando eu fiz o rapel já me senti seguro, ai eu fiz esse, ai eu já estava tranquilo, ai eu consegui fazer me senti seguro e fui, e depois acabou, e fiquei feliz porque primeira vez que eu fui na escalada (Aluno 12).

Legal a escalada [...], eu estava com um pouco de medo, mas depois eu vi que é um pouco mais tranquilo (Aluno19).

Em um estudo desenvolvido por Tahara e Darido (2016), ressalta-se que, no trato do esporte de aventura como conteúdo nas aulas de Educação Física, dois fatores se destacam: a motivação sentida pelos alunos em decorrência do espaço privilegiado que os esportes de aventura vêm alcançando na mídia nos últimos tempos, e ainda por se tratar de uma vertente esportiva que possibilita uma aproximação engendrada com a natureza.

Dentre as diversas proposições decorrentes do movimento renovador ocorrido na década de 1980, destaca-se a diversificação dos conteúdos nas aulas. No que se refere à diversidade de conteúdos, trata-se, portanto, dos professores que são capazes de superar o desenvolvimento restrito de determinados conteúdos, como as tradicionais modalidades esportivas (TRIANI; FREITAS, NOVIKOFF, 2016), e dessa forma, avançar com o desenvolvimento organizado das diversas manifestações corporais que compõe o universo da cultura corporal de movimento (NEIRA; GRAMORELLI, 2017).

O tipo de prática pedagógica conduzida pelo professor de Educação Física retratado nas falas dos alunos pode ser associado à figura do professor inovador, categoria instituída por Silva e Bracht (2012), que corresponde àquele professor

cuja prática pedagógica contrapõe o paradigma tradicional cujo objetivo é o ensino de certos esportes e suas destrezas; e a prática de “desinvestimento pedagógico” ou “pedagógica da sombra”, isto é, aquela em que se pretende entregar uma bola aos alunos e fazer o tempo passar.

Nessa perspectiva, a prática pedagógica que contrapõem esses modelos é a prática inovadora, àquela em que o professor inova nos conteúdos da Educação Física para além dos tradicionais, explorando outras manifestações da cultural corporal. Portanto, não seria equívoco afirmar que o fato do professor proporcionar o conteúdo de esporte de aventura aos alunos, mais especificamente a escalada *indoor*, o caracteriza como inovador, na perspectiva atribuída por Silva e Bracht (2012).

Na opinião dos alunos a experiência foi interessante e despertou neles o sentimento de encorajamento. Estudos apontam (DARIDO, 2004; CARA; SAAD, 2011) como principal fonte de desinteresse, e conseqüentemente a evasão das aulas de Educação Física, a repetição dos mesmos conteúdos nas aulas no cenário da escola, sendo os conteúdos mais comuns: futsal, vôlei, basquete e handebol. Todos trabalhados numa perspectiva em que a ênfase recai sobre a perfeição técnica dos gestos motores (DARIDO, 2004).

Em estudo conduzido por Cara e Saad (2011), no qual o objetivo era conhecer os fatores que desmotivam os alunos a participar das aulas prática de Educação Física, participaram 33 alunos e os seguintes fatores de desmotivação foram encontrados: cobrança dos colegas para que faça as atividades corretamente (43,5%), conteúdos repassados (42,8%), “método utilizado pelo professor” (8,7%) e “não gosto das aulas” (8,7%). Esses achados reforçam e contribuem para o repensar da prática pedagógica e desvelam a necessidade de conteúdos inovadores como é o caso dos esportes de aventura (TAHARA; DARIDO, 2016) que, fora do ambiente escolar, já tem despertado um interesse crescente (MORLEY *et al.*, 2008) e até mesmo uma característica da atualidade (FRANCO; CAVASINI; DARIDO, 2014).

Tendo em vista as características e especificidades contidas nas diversas modalidades que compõem o esporte de aventura, a sua adoção pelo professor como conteúdo na educação básica tende a estimular a vontade em participar das aulas, criando novos desafios e favorecendo a relação interpessoal entre seus pares. Além disso, propicia a elaboração de conhecimento, expressão corporal, autoconfiança, superação de limites, companheirismo, fomento à educação ambiental (PEREIRA; CARVALHO; RICHTER, 2008) e constitui uma prática saudável de interação (WHITE, 2012).

É importante apontar a formação de professores como indispensável para a prática pedagógica de aventura na escola, uma vez que o rompimento dos paradigmas já constituídos na Educação Física e a capacidade de proporcionar

conteúdos inovadores dependem da história e da formação que o professor de Educação Física teve ao longo de sua trajetória (SILVA; BRACHT, 2012). Cabe apontar ainda alguns desafios a serem vencidos para efetivação da inserção do conteúdo de aventura na escola, mas especificamente da escalada, como a ausência da disciplina de esportes de aventura em alguns cursos de Educação Física (PEREIRA, 2007; 2013), o desconhecimento dos saberes necessários à promoção da prática da escalada na escola (AURICCHIO, 2009), o potencial de criatividade do professor em adaptar ambientes para inserção dos esportes de aventura (TAHARA; DARIDO, 2016).

A QUESTÃO DE GÊNERO NAS VIVÊNCIAS COM A ESCALADA *INDOOR*

Geralmente nas práticas esportivas tradicionais, os elementos performáticos obrigam que a organização de tais práticas siga os ditames excludentes da aptidão física. Isso explica por que, em práticas dessa natureza, é comum a separação por categorias, decorrendo daí uma acentuada segregação. Já no caso dos esportes na natureza, o tempo e o espaço de prática é comum a todos, independentemente do seu nível de aptidão física, já que esse critério não é um elemento que orienta prioritariamente essas práticas. Consequentemente potencializa-se a aquisição pelos participantes de um ambiente de convívio harmonioso, entre as pessoas de diferentes sexos e idade (DIAS, 2004).

Somado a isso, o valor educativo do esporte de aventura como conteúdo das aulas de Educação Física escolar suscita aspectos motivacionais como o ambiente diversificado de práticas, tendo como eixo norteador o risco e fortes sensações. Esses elementos, comuns ao esporte de aventura, podem configurar-se como estímulo às sensibilidades corporais dos alunos possibilitando-os a partir do (re)encontro com as sensações corporais, experimentando e sentindo o próprio corpo em meio às fortes emoções e o risco em um mundo que, a cada vez mais, centra-se na estimulação áudio visual (BRUHNS, 2000).

Desde o primeiro contato com a escalada *indoor* na escola, evidenciou-se um grande interesse por parte dos alunos em participar das atividades propostas, com adesão equânime por parte dos estudantes, como se apresenta em relatos e fotos registradas.

Eu achei bem legal, eu fiquei com um pouco de medo de subir, eu não consegui porque eu tentei de vários jeitos, só que eu achei um pouco difícil, minha mão começou a doer e o professor falou pra eu descer e tentar da próxima vez (ALUNA 23).

Eu gostei muito da escalada, senti um pouco de medo, mas foi legal (ALUNA 8).

No começo fiquei com muito medo e depois que eu já estava lá em

cima eu gostei e foi muito legal (ALUNA 20).

É eu achei que é legal né, não senti tanto medo, eu senti, teve momentos que eu senti um pouco, momentos que eu não senti, é eu gostei bastante achei bem legal, eu gostei muito (ALUNA 22).



Figura 1 - Alunos praticando a escalada *indoor* na escola.

A Figura 1 e o conteúdo das falas dos alunos desvelam a não diferenciação entre meninos e meninas. Esse fato coaduna com Berria e seus colaboradores (2010), quando destacam que a Educação Física deve proporcionar vivências aos seus alunos que não estejam nem explícita, nem implicitamente fundadas em estereótipos de gênero, contribuindo para a desconstrução de preconceitos.

Subvertendo essa lógica, os resultados encontrados na pesquisa de Cardoso, Marinho e Pimentel (2013) objetivaram comparar homens e mulheres praticantes e não praticantes de esportes de aventura, que contou com a participação de 157 (52%) homens e 145 (48%) mulheres que foram categorizados em não praticantes (35,1%), praticantes esporádicos (43,7%) e praticantes frequentes (20,5%). Nesse sentido, os achados, em síntese evidenciaram que mais mulheres informaram “gostar” de praticar esportes de aventura, porém, mais homens informaram “gostar muito” dessa vertente, sendo assim, as mulheres apresentaram uma afinidade mais ponderada.

Um dos motivos de impedimento da participação feminina nos esportes de aventura foi explicado, em pesquisa realizada por Schwartz e colaboradores (2013), pelo preconceito. Na ocasião, objetivou-se investigar a aceitação, por parte dos homens, bem como, possíveis atitudes e condutas preconceituosas, no que tange à presença feminina nos esportes de aventura. Dessa maneira, 16

atletas responderam a um questionário e ainda que a maioria não tenha se reportado ao preconceito, há indícios subliminares expressos de forma velada. Além disso, as respostas das atletas que participaram do estudo desvelaram que muitos homens ainda querem competir com as mulheres para inferiorizá-las de alguma maneira e, por esse motivo, prejudicam a manutenção na prática.

No entanto, Silva (2002) afirma a importância da participação feminina nessa manifestação esportiva, a fim de proporcionar a mudança nos valores instituídos sobre a presença da mulher nessas atividades. Além disso, o envolvimento do público feminino nos esportes de aventura contribui no implemento de mudanças axiológicas indispensáveis, tanto na esfera individual como social. Silva, Marinho e Schwartz (2005) reforçam que a dinâmica cultural configura a identidade, permitindo a pluralidade de realizações.

No contexto escolar, Venturini e seus colaboradores (2010) afirmam que cabe aos professores de Educação Física compreender as diferenças existentes entre os gêneros e respeitá-las, não as considerando como obstáculos no desenvolvimento de quaisquer que sejam as atividades. E mais, considerá-las como importante pauta de discussão, a fim de propor a igualdade de oportunidade para todos, tolerância e respeito às diferenças. O esporte, se tratado numa perspectiva não centrada na competição ou no desempenho, ou seja, numa perspectiva lúdica e coeducativa, torna-se uma grande possibilidade educacional não só para os meninos, mas também para as meninas.

O FATOR RISCO INERENTE AO ESPORTE DE AVENTURA

Comparado às modalidades esportivas convencionais como voleibol, futebol, atletismo e outras, o esporte de aventura coloca o praticante numa situação de maior suscetibilidade ao risco que pode se manifestar desde um arranhão podendo chegar aos casos de óbitos. Nomeadamente, esta especificidade lhe confere o status de esporte de aventura e risco na natureza. Não obstante, partindo-se da concepção de algo desejado, o risco manifesta-se como uma questão de gestão, uma busca constante, uma importante variável a ser calculada, visando, sobretudo, a sua minimização e/ou controle pelo praticante (LE BRETON, 2012).

Por ser um conteúdo novo, os depoimentos de alguns alunos ressaltam a sensação de medo inicial que se misturava com a curiosidade, o que os instigava a arriscar e tentar algo que ainda não haviam vivenciado.

Boa e legal, um pouco assustador também, é claro que tem gente que não sabe fica com medo e não consegue fazer, boa na minha opinião foi boa (ALUNO 1).

Bom isso foi bem legal, apesar de ter um pouco de medo mesmo e não tô conseguindo muito, mas é incrível isso, bem legal (ALUNO

6).

[...] eu senti muito medo, eu tive uma hora que eu escorreguei que eu não consegui segurar muito bem, mas achei muito legal a experiência (ALUNA 15).

Fiquei muito nervoso, eu não me sentia seguro, achei que eu ia cair, não gostei muito não (ALUNO 14).

Ficou claro nos relatos que o medo e a sensação de risco não impediram os alunos de vivenciarem a modalidade escalada *indoor*. Armbrust e Silva (2012) concebem o risco como manifestação inerente à prática das diversas modalidades de esporte de aventura e afirmam ser importante que as pessoas se confrontem com ele para, só assim, poderem assimilar os valores vivenciais que se extraem dessa experiência. As percepções de medo e risco eminente desencadearam nos alunos, durante momento da prática, a necessidade de vencer os desafios que tais atitudes lhes impunham, resultando daí uma espécie de autocontrole, que contribuiu na efetivação da escalada. Nessa direção, Paixão (2012) ressalta que o risco, enquanto elemento inerente do esporte de aventura, propicia aos praticantes sentimentos de realização pessoal e de autoconfiança que lhes despertam o desejo de chegar cada vez mais longe, cada vez mais alto, de desfrutar fortes emoções e liberdade que os encaminha ao impossível.

Trata-se, sobretudo, de um risco desejado que, segundo Spink (2001) perpassa as subjetividades dos aventureiros no momento em que se encontram a executar uma da modalidade de esporte de aventura em que, indubitavelmente, em menor ou maior nível, estarão presentes as incertezas quanto aos resultados ou consequências daquela ousadia no meio natural.

Dentre os depoimentos dos alunos, o risco, simbolicamente expresso pela sensação de medo durante momentos em que se encontravam em suspensão na parede de escalada, levou-os a tomar uma atitude de prosseguir ou abandonar aquela ação. E, em sua totalidade, a decisão foi prosseguir apesar da sensação de medo. Este fato leva a pensar que, de certo modo, vivenciar situações arriscadas promove uma percepção da competência pessoal diante do evento. Para Le Breton (2006), trata-se de abandonar, provisoriamente, o conforto e a segurança, de levar o corpo ao limite de seus recursos, de ir mais longe possível e de jogar com a imprevisibilidade. A sensação de risco se apresentou aos alunos como o fio condutor da escala *indoor*, onde puderam experienciar um engajamento lúdico que lhes permitiram reagir diante de uma situação inédita que foi se encontrarem em suspensão.

Outro aspecto que merece destaque se refere ao fato de a atividade da escalada ter sido estruturada para ser realizada por aluno. No entanto, esses alunos se encontravam num grupo que estava ali para vivenciar uma prática corporal de aventura diferenciada e desafiadora. E, de certa forma, o risco se mostrou como um dos elementos responsáveis pela comunhão e pela

solidariedade coletiva daqueles alunos. Segundo Almeida (2008), uma das características importantes dessa comunhão se deve ao fato de que indivíduos que enfrentam juntos os mesmos riscos se veem mutuamente como pessoas de valor semelhante. Nesse caso, o papel principal do risco é acentuar o sentido de coesão social, em um nível não experimentado em outras atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a escalada *indoor* na Educação Física escolar - conteúdo que se difere daqueles que comumente vem se prevalecendo, de forma hegemônica, no cenário da escola -, estimulou a participação dos alunos envolvidos nas aulas, criou novos desafios, novas referências, valorizou a transposição de obstáculos em busca do êxito na realização dos objetivos pretendidos. Portanto, se apresentou como uma alternativa possível de conteúdo para a prática pedagógica da Educação Física. Por se tratar de um conteúdo instigante e inovador no âmbito da escola, evidenciou-se durante as vivências uma expressiva participação na escada *indoor*, de forma equânime no que se refere à participação de meninos e meninas.

No entanto, como ponto negativo, encontra-se o fato da escalada configurar-se como uma modalidade esportiva que requer, na maioria do tempo, esforço individualizado. Essa especificidade da modalidade dificultou uma interação mais abrangente entre todos os alunos envolvidos durante as vivências ao mesmo tempo. Além disso, pode-se destacar a aquisição de equipamentos que não são de fácil acesso e uma formação do professor que, em muitos casos, não teve a disciplina de Esportes de Aventura durante a graduação como dificuldades para a implementação dessa prática na escola.

Acredita-se que esse estudo possa contribuir com elementos em prol de discussões voltadas para a construção de uma Educação Física que busque romper com os paradigmas tradicionais, evidenciando a possibilidade de novas experimentações de práticas corporais que venham a contribuir com a formação das pessoas. Principalmente considerando que com a recente homologação da Base Nacional Comum Curricular, que tematiza as práticas corporais de aventura, torna-se necessário evidências científicas que fundamentem a abordagem de algumas modalidades, como a escalada *indoor*, enquanto objeto de conhecimento da Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Guilherme Veiga de. *Ritual, risco e arte circense*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

AURICCHIO, José Ricardo. Escalada na Educação Física Escolar: orientação adequada para a prática segura. *EFDeportes Revista Digital*, Buenos Aires, v. 14, n. 139, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm>

ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 281-300, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/14937>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 5ª ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERRIA, Juliane; BEVILACQUA, Lidiane Amanda; CASTRO, Tatiele Marques Rodrigues de; DARONCO, Luciane Sanchonete Etchepare. O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos. *EFDeportes - Revista Digital*, Buenos Aires, Año 15, nº 143, Abril de 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd143/o-genero-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Educação Física*. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRUHNS, Heloísa Turini. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In.: SERRANO, Célia Maria de Toledo (Org.). *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000.

CARA, Sabrina; SAAD, Michel Angillo. Os motivos de desinteresse pelas aulas de Educação Física dos alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola de Xanxerê, SC. *EFDeportes - Revista Digital*, Buenos Aires, Año 16, nº 160, Septiembre de 2011.

CARDOSO, Fernando Luiz; MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 24, n. 4, p. 597-608, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-30832013000400007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

CARVALHO, Isis Santos Moreira *et al.* Esportes radicais nas aulas de Educação Física: uma experiência no ensino médio. *Anais do XIX Congresso brasileiro de ciências do esporte – CONBRACE, VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte – CONICE*, Vitória, ES, Brasil, p. 1-3, 2015.

COICEIRO, Geovana Alves. *O imaginário social de aventureiros do extremo: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultra-resistência*. 136 folhas. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

CLOKSIN, Brian. High adventure activities in elementary physical education. *Teaching Elementary Physical Education*, North Market Street, v. 17, n.4, p. 16-21, 2006. Disponível em: <http://www.humankinetics.com/acucustom/sitename/Documents/DocumentItem/5955.pdf>.

DARIDO, Suraya Cristina. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>.

DIAS, Cleber Augusto. Lazer e esportes na natureza face à educação ambiental: entre o possível e o necessário. In: SEMINÁRIO "O lazer em debate", 5., Rio de Janeiro, 2004.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas Corporais de Aventura. In.: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. (Orgs.) *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventuras*. Maringá: Eduem, 2014, p. 101-136.

HYDER, Martha. Have your students climbing the walls: the growth of indoor climbing. *Journal Physical Education, Recreation and Dance*, v. 70, n. 9, p. 32-39, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07303084.1999.10605966>.

LE BRETON, David. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, Alciane; BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). *Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza*. Barueri, São Paulo: Manole, p. 94-117, 2006.

LE BRETON, David. *La sociologie du risque*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10495>.

MORLEY, Lauril; CHASE, Matthew R.; DAY, Ralph W.; LAWHON, Ben. Conviction of the heart: implementing leave-no-trace principles in outdoor recreation: here is a model for teaching students to respect the outdoor. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, Renton, v. 79, n. 7, p. 29-34, 2008. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ826135>.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/neira_gramorelli.pdf.

NOVIKOFF, Cristina. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In.: ROCHA, José Geraldo da; NOVIKOFF, Cristina. (Orgs.). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

OYAGUE Grace Puertas; LUSAR, Ander Chamarro; CERCÓS, Josep Font. Propriedades psicométricas del cuestionario de habilidades psicológicas en escalada deportiva. *Cuadernos del Psicología del Deporte*, v. 5, n. 1, p. 1-2, 2005. Disponível em: <https://revistas.um.es/cpd/article/view/93361>.

PAIXÃO, Jairo Antônio. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>.

PAIXÃO, Jairo Antônio. *O instrutor de esporte de aventura no Brasil e os saberes necessários a sua atuação profissional*. Curitiba, PR: CRV, 2012.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Montanhismo e Escalada. In: BERNARDES, Luciano Andrade. *Atividades e Esportes de Aventura para Profissionais de Educação Física*, São Paulo: Phorte, 2013.

PEREIRA, Dimitri Wuo. A escalada chega na escola. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Jundiaí, vol.5, n.1, p. 31-38, 2007. Disponível em: https://fontouraeditora.com.br/periodico/upload/artigo/4_1500676833.pdf.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. Escalada em rocha como Educação Física no ensino médio. In: *Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura*, Governador Valadares, 2, 2007.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, v. 12, n. 1, p. 18-34, 2008. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3486>.

PEREIRA, Dimitri Wuo; CARVALHO, Gisele Santos de; RICHTER, Friedrich. Programa de escalada em rocha como Educação Física para alunos do ensino médio. *Coleção Pesquisa em Educação Física*. v. 7, n. 1, p. 397-402, 2008. Disponível em: <http://docplayer.com.br/13985072-Programa-de-escalada-em-rocha-como-educacao-fisica-para-alunos-do-ensino-medio.html>.

PEREIRA, Dimitri Wuo. *Atividades de aventura: em busca do conhecimento*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. *Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SCHWARTZ, Gisele Maria; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; PEREIRA, Leonardo Madeira; CHRISTOFOLETTI, Danielle Ferreira Auriemo; DIAS, Viviane Kawano. Preconceito e esportes de aventura: a (não) presença feminina. *Motricidade*, Ribeira de Pena, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1646-107X2013000100007&lng=pt&nrm=iso.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SPINK, Mary Jane. Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1277- 1288, nov./dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2001000600002&script=sci_abstract&lng=pt.

SILVA, Renata Laudares. *As emoções das atividades de aventura na natureza e a resignificação do papel feminino*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

SILVA, Renata Laudares; MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza. *EFDeportes*, Buenos Aires, ano 10, n. 84, p. 1, 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd84/afan.htm>.

SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. *Kinesis*, Santa Maria, v. 30, n.1, p. 80-94, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física. *Conexões*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>.

TRIANI, Felipe da Silva; FREITAS, Willian Costa de; NOVIKOFF, Cristina. Educação Física

escolar: as representações sociais. *Conexões*, Campinas, SP, v. 14 n. 1 p. 130-137 jan./mar. 2016. Disponível em:

<https://www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8644770>.

TRIANI, Felipe da Silva; MARTINS, Cassio; ALVES, Marcelo Paraíso. Escalada *indoor* como possibilidade pedagógica para a Educação Física. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura – III Congresso Internacional de Atividade de Aventura: “uma aventura olímpica”*, Lavras, MG, p.58, 2016.

VENTURINI, Gabriela Rezende de Oliveira; GUERRA, Victor Hufnagel; RODRIGUES, Bernardo Minelli; MATOS, Dihogo Gama de; ZANELLA, André Luiz; PACE JÚNIOR, Ricardo Luiz; MAZINI FILHO, Mauro Lúcio. Gênero e Educação Física Escolar. *EFDeportes - Revista Digital*, Buenos Aires, v. 15, n. 147, ago. 2010. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd147/genero-e-educacao-fisica-escolar.htm>.

WHITE, Robert. A sociocultural investigation of the efficacy of outdoor education to improve learner engagement. *Emotional and Behavioural Difficulties*, London, v. 17, n. 1, p. 13-23, 2012. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13632752.2012.652422>.